



Nisla Floresta — 1810-1885

## NÍSIA FLORESTA: ENTRE OS DIREITOS E OS DEVERES DAS MULHERES

---

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE (UFRN)

---

Para esta ocasião escolhi um texto de Nísia Floresta Brasileira Augusta intitulado "A Mulher", por acreditar que ele preenche, com competência, o espaço de reflexão e debate que esta publicação nos oferece acerca da participação da mulher do século XIX, na literatura e na militância feminista.

Nísia Floresta, para quem não a conhece, foi uma norte-riograndense nascida em 1810 e autora de vários livros que trataram da problemática feminina de seu tempo. Durante aproximadamente vinte e oito anos ela viveu fora do Brasil, principalmente em Portugal, Inglaterra, Itália e França. Em 1885, a escritora morreu em Rouen, deixando cerca de quinze títulos publicados em português, francês ou em italiano.

Este texto — "A Mulher" — foi publicado em 1859 em Florença, no livro *Scintille d' un' Anima Brasiliana*<sup>1</sup>. Em 1865 foi traduzido e publicado separadamente em Londres com o título *The Woman*.

Delineia-se aí com clareza, a meu ver, o processo intelectual desta autora e sua oscilação (se é que posso chamar assim) entre o ficcional, o ensaio, a crônica e o texto com propósitos didáticos. Ela inicia como se estivesse escrevendo um conto mas não resiste ao apelo da análise e da

reflexão inerentes em sua personalidade e o transforma num ensaio. E, enquanto ensaio, a narrativa aproxima-se tanto de uma matéria jornalística, como da sociologia e da filosofia.

São pelo menos três os momentos criativos: a ficção, o "estudo de campo" e a reflexão. E três Nísias: a escritora ficcional, a observadora do comportamento humano e a filósofa. Cada um deles está intimamente ligado ao outro e funciona, veremos, como uma preparação ou uma motivação para o seguinte:

De início temos o conto, isto é, a história de duas mulheres que tomam um trem em direção a um subúrbio parisiense. A ambientação e o clima realista se impõem. Ouçamos o texto:

Agosto chegava ao seu fim. Uma tempériede de 30 graus parecia quase sufocar os habitantes de Paris. Havia soado então o meio-dia, quando duas mulheres entraram nos vagões da estrada-de-ferro de Strasburgo para ir a uma aldeia a vinte léguas de Paris. Após duas horas elas deixaram a estrada de ferro e tomaram um veículo que as conduziu, por entre risonhas colinas, aonde pudessem achar um pobre lugarejo escondido entre as árvores, de uma estrada não conhecida por elas.

O que iriam elas procurando? Por que os seus corações enterneciam-se em descobrir o campanário da aldeia e daí a poucos passos a fumaça que saía das chaminés de negras cabanas?

O suspense provocado pela pergunta não se sustenta porque a resposta vem a seguir: buscavam um "pobre anjinho abandonado em mãos mercenárias", ou seja, uma criança que ali fora deixada para ser criada por uma ama-de-leite. Em encontrá-lo estava a razão da viagem das duas mulheres; na condenação deste costume francês, a base da reflexão que se fará depois.

Nísia Floresta tratará, portanto, de um problema atualíssimo na França daquele tempo e que, apesar das investidas de alguns filósofos e médicos, não demonstrava ainda na prática sinais de esgotamento. Bem antes do século XVIII, sabemos, mandar os filhos para a casa das amas no campo

costumava ser interpretado como uma "prova de amor" das mães. Segundo este raciocínio, elas "sacrificavam" seu desejo de maternidade em nome dos "benefícios" que a saúde dos filhos obteria vivendo no interior, já que os "ares" da cidade lhes eram prejudiciais.

Desde 1821, inclusive, existiam em Paris agências comerciais que serviam de intermediárias entre as mães e as amas, tal era sua procura e a dificuldade em localizar estas últimas. Segundo Elizabeth Badinter, em **O Mito do Amor Materno**.

Dos mais pobres aos mais ricos, nas pequenas ou grandes cidades, a entrega dos filhos aos exclusivos cuidados de uma ama é um fenômeno generalizado.<sup>2</sup>

A alta taxa de mortalidade infantil que, sobretudo no campo, representava mais da metade do número de crianças<sup>3</sup>, torna-se, principalmente a partir de 1870, um motivo de grande preocupação para os políticos e médicos, pois refletia diretamente no baixo crescimento demográfico do país. Ainda assim, apesar da ampla divulgação das taxas de mortalidade e do empenho dos moralistas e dos políticos, a maioria das mães francesas resistia a uma mudança de comportamento e continuava sem amamentar e enviando os filhos para as mesmas **nourrices**.

Em "A Mulher", Nísia Floresta se antecipa ao debate nacional<sup>4</sup> e junta sua voz às dos que primeiro se preocuparam com a questão. Além de se manifestar contrária a este costume, ela tenta compreender e detectar as causas deste comportamento.

Assim, quando as personagens — as duas mulheres — se afastam de Paris e chegam ao subúrbio, elas encontram uma outra realidade que vai revelar, por sua vez, a **verdade** que a cidade grande tentava ocultar, mantendo-a fora de seus limites. Por isso o lugarejo era tão "escondido" entre as árvores e a estrada "não conhecida" por elas. Ao se adentrarem no subúrbio e ao encontrarem ali as provas das mazelas sociais da cidade, as personagens se adentram também para o próprio interior da condição feminina e encontram sua

**outra face:** a da falta de amor de muitas mães para com os filhos. Aquela revelação colocava em xeque uma **verdade** das mais estabelecidas: a de que o amor materno fazia mesmo parte da natureza feminina e era **inato** a todas as mulheres. A narradora detecta com precisão este problema social e o explora com profundidade.

A condenação das mães que entregam seus filhos a amas-de-leite, já se delineia a partir mesmo da descrição do casebre onde se encontrava a criança que as personagens buscavam.

Finalmente, à fúria de procurar, conseguiram descobri-lo [ao burgo]: e o veículo parou diante de uma abjeta cabana. Apearam da carroça e entraram naquele tugúrio, sem serem recebidas por ninguém. O qual espetáculo, enojante e a um só tempo condolente, oferece-se aos seus olhares!...

Um úmido aposento, sem ar, com um assoalho de pedras disformes cobertas de lodo; uma janela, ou melhor, um buraco, jogava como que uma réstia de luz sobre os sujos e velhos móveis que entulhavam aquela caverna humana, onde a panela do domingo fervia na enegrecida lareira. Uma cama, cujo escuro baldaquino ornava com o restante dos objetos espalhados aqui e ali, anunciava a desordem e a falta de qualquer asseio. A eira lotada de pútrido estrume tresandava, não menos que o quarto contíguo, um odor incômodo impossível de sustentar... As duas mulheres entreolharam-se sem que pudessem dizer palavra. (p.21)

As preocupações de caráter higienista são numerosas e se evidenciam seguidamente nas observações da "falta de asseio", da "atmosfera impregnada de miasmas", dos "imundos panos", de "corpinho lânguido e enfermizo" da criança, enfim, das condições em que aquelas pessoas viviam. Tais observações não deixam de refletir também, evidentemente, o estranhamento do olhar burguês diante das condições de vida de uma outra classe social.

Mas, de repente, uma das mulheres — a que acompanhava a amiga que era avó da criança — interrompe a narrativa que se fazia na terceira pessoa e assume sua identidade enquanto autora do texto. O pacto com o leitor/com a

leitora se estabelece de pronto. É precisamente aí que inicia um outro momento, o segundo da narrativa. Agora, bem diverso será o enfoque do problema e o tom de quem o descreve, pois tratar-se-á da voz de quem vivencia uma experiência e quer relatá-la detalhadamente com o claro intuito de sensibilizar quem a lê.

Ó mães sem coração, que abandonais os mais sagrados deveres da natureza, destacando de vosso seio os próprios filhos, esta parte de vossa alma, para mandá-los sugar um leite estranho em alguma longínqua aldeia, onde não dais depois o ar de vossa presença! A vós, somente, eu quero desdobrar o deplorável quadro que frangeu-me o coração, e que formará o processo verbal de vossa desnaturação face às gerações porvindouras! (p.22)

A partir de então, ainda quando o vocativo que designa as leitoras privilegiadas (no caso as mães que abandonam os filhos) não estiver explícito, estas estarão presentes através das chamadas da ensaísta e dos "conselhos" que faz ao "coração feminino" acerca da "missão da mulher" na sociedade.

Este segundo momento inicia, portanto, quando a companheira de viagem resolve retornar a Paris para interceder pela criança junto ao genro e a autora decide alugar um quarto na casa de uma pastora para ficar na aldeia por mais algum tempo. Pretendia "estudar" melhor aquelas mulheres através da observação *in loco* e recolher informações que lhe permitissem compreender com mais profundidade e extensão aquele problema.

As diferenças entre os sentimentos das duas amigas — a francesa, "comovida até a alma"; e a brasileira "mais que comovida, horrorizada" — pretendem marcar também as diferenças que existiriam entre as duas sociedades.

Pelo costume que ela [a francesa] tinha de ver tais cenas, o seu coração não sofria senão porque esse menino era seu neto; mas cenas deste tipo, por serem novíssimas para mim, causavam-me não menos maravilha do que horror e quis obter daí argumento para um estudo não totalmente inútil. (p.23)

Com efeito, não houve no Brasil a prática da criação de filhos afastados da mãe e junto às amas-de-leite, até porque era outra a experiência política brasileira. Mas, se não aconteceu aquela, existiu, por outro lado, a presença constante da escrava ama-de-leite (ou mãe de criação ou mãe-preta) que durante alguns séculos também substituiu a mãe junto aos filhos, não só na nutrição como em todos os cuidados que se faziam necessários.

Curiosamente nossa autora não quis relacionar o problema da perspectiva francesa com a modalidade brasileira, até para constatar o quanto era comum, naquele tempo, as mulheres se esquivarem de suas tarefas maternas. Havia, inclusive, o reforço ideológico (tanto num como no outro caso) de que a mulher burguesa era "fraca", não "tinha leite" ou que a amamentação acabaria por "exaurir" suas forças, comprometendo até sua sobrevivência. Também havia os argumentos de ordem moral e social que consideravam o aleitamento um ato "pouco digno" ou "animalesco" e que decretavam, "em nome do bom-tom", que a amamentação era "ridícula e repugnante".<sup>4</sup>

Se as tarefas maternas eram encaradas como "algo vulgar" ou apenas "normais" e não traziam, em si, nenhuma glória para a mulher que as executasse, não é de surpreender que muitas recorressem a um ou a outro expediente como forma de se eximirem desta obrigação.

No caso brasileiro, a mulher negra estava à mão e possuía todos os "requisitos" necessários para bem alimentar as crianças. Não faltavam nem mesmo tratados médicos que lhe acentuavam as vantagens nutricionais e "condições eugênicas" ou que explicavam a influência diferenciada do clima brasileiro sobre a mulher branca e a negra. O clima, diziam, alterava a capacidade de amamentação de uma e outra: nas brancas, esgotava as forças vitais e irritava o sistema nervoso; nas negras, ao contrário, a saúde prosperava e também seu poder de amamentação.<sup>5</sup>

Mas voltemos ao texto de Nísia Floresta. No momento em que decide observar *in loco* o problema dos amamentados, a autora assume um papel de "narradora-repórter" e seu texto

adquire as dimensões de uma verdadeira reportagem. Para tanto, faz entrevistas, visita casas, interessa-se pela vida das crianças e das mulheres, recolhe depoimentos, acumula experiência.

Era minha intenção ver com meus próprios olhos aquilo que tinha-me sido mais das vezes referido; e consegui facilmente; porque os camponeses ignoram ainda as muitíssimas sutilezas de que se servem os habitantes das grandes capitais para velar a verdade. Nos campos acha-se ela toda nua (...).

Escutai, ó mães, escutai, a narração daquilo que me aconteceu ainda de ouvir. (p.24)

Ao invés de se limitar a um simples registro formal ou de simplesmente comentar o que ouvira dizer, a autora investiga a fundo, apresenta quase **flashes** de situações que presencia e, ainda, registra flagrantes da vida no campo. Com tais recursos seu texto adquire foros de verdade e se autoriza, aos olhos das leitoras, a falar com propriedade sobre um assunto tão delicado. A "transcrição" que faz de diálogos ocorridos entre ela e as camponesas contribui, também, para tornar mais "real" sua narrativa, ao mesmo tempo em que o aproxima de uma pesquisa de caráter sociológico.

Assim, à medida que observava que "os de Paris" eram sempre os meninos "mais sújos", "amarelos" e "mirrados", o texto desmascara o habitual pretexto das mulheres de manterem os filhos distantes devido ao "bom ar campestre". A isto, somam-se as denúncias colhidas entre as amas de pais que deixavam de mandar a quantia combinada, de outros que se mudavam e nunca mais davam notícia, de crianças que morriam e os responsáveis nem ficavam sabendo.

Também surgem das páginas de "A Mulher" um sem número de pequenas tragédias vividas por algumas crianças: como aquele bebê que caiu e quebrou o braço; do que morreu devido a uma papa muito dura; de um outro ainda que foi devorado por um leitão no quintal da casa onde morava. O valor documental deste texto reside, sem dúvida, justamente na construção realista de um painel de época e do problema so-



cial que a afligia. E o papel demolidor do texto, no desmascaramento das falsas notícias de que as crianças eram felizes e bem tratadas pelas amas.

A atitude pretensamente "imparcial" que a autora tenta adotar em seu estudo não se sustenta, pois o interesse demonstrado pelas crianças abandonadas termina por trair a aparente curiosidade. Também resulta que, apesar das evidências de falta de cuidado e da ganância de muitas camponesas, ela ainda assim justifica e compreende o lado das amas-de-leite — as mercenárias, como se dizia — e mostra uma outra face dessas mulheres: humana e explorada. Em última instância, o texto conclui, não eram elas as "culpadas" das crianças serem ali maltratadas e até de morrerem, pois a rigor não tinham condições nem de criar os próprios filhos tais as suas dificuldades econômicas e as muitas atividades que desempenhavam para sobreviver.

A grande culpa acaba recaindo sobre a mulher burguesa que não amamentava e mandava os filhos para serem criados longe de si. A culpabilização das mulheres, aliás, terminou sendo um eficaz recurso utilizado não só por esta e por outras autoras, como também pela maioria dos médicos higienistas para convencer as mulheres a assumir a criação dos filhos.

Aquela multidão de meninos repudiados pelo seio materno é condenados a definharem em meio a privações, ofereciam-se-me em líridas cores e quase em relevo por trás do quadro de tão risonha natureza, como uma organizada sociedade, que se gaba de seus modernos triunfos, arruinando de tal modo os alicerces das mais sagradas leis da natureza. (p.26)

O terceiro e último momento é aquele em que a autora, já em Paris, organiza suas reflexões acerca desta experiência. A narrativa se distancia ainda mais da ficção e também da matéria jornalística, configurando-se agora como um bizarro ensaio. Temos, então, a ênfase do registro intimista próprio à primeira pessoa e um posicionamento crítico que nos revela não só o amadurecimento de suas convicções, como plenitude intelectual e existencial de quem o escreve.

Ao retomar as "forças-motrizes" de seu pensamento, ou seja, os assuntos que sempre motivaram seus escritos, agora com mais veemência e mais apelos persuasivos visando a todo custo conduzir o pensamento de quem o lê, este ensaio adquire um caráter nitidamente formativo, pois mais que informar, pretende **formar** consciências e propor uma reforma a nível de comportamento.

Este terceiro momento será também, portanto, o momento do desabafo aútoral. A mulher que retornou a Paris não é de forma alguma a mesma de antes de partir, pois esta vem "desgostosa", "impressionada", marcada pelas "dolorosas excursões" e tem o "coração fechado" de angústia. O fato de haver conhecido o **outro lado** da grande cidade parece ter lhe dado mais forças para resistir aos seus encantos e não se deixar seduzir por seu aparente esplendor.

O "novo olhar" com que agora vê a cidade está impregnado da força da realidade que conheceu nos campos e mesmo quando, aparentemente, divaga por entre outras questões, ao fundo permanece o quadro das crianças abandonadas pelas mães servindo de constante inspiração. Com este olhar a autora desvenda o egoísmo, a vaidade burguesa e a hipocrisia social que impediam os pais abastados de optar pelas **crêches** para deixar os filhos, ao invés das casas das amas. Segundo o raciocínio burguês, como aquelas "casas de caridade" eram utilizadas pelos mais humildes, não ficaria bem se eles, os burgueses, também o fizessem. "Falta a eles o coração, mas não o orgulho e a vaidade", conclui a autora.

A origem de todos os males sociais, para ela, residiria precisamente na ausência de uma "educação moral" efetiva, a única capaz de curar "as chagas gangrenadas da sociedade". E por educação moral entende a ampliação da solidariedade humana, do amor e da virtude entre as pessoas. O motor capaz de impulsionar tudo isso, e que ainda falta fazer funcionar, não é outro senão o coração feminino. Assim, finalmente, a autora alcança seu objetivo e tudo o mais adquire o aspecto de uma grande introdução ao tema que realmente queria desenvolver. Nísia Floresta estava convencida — este texto nos mostra — da superioridade moral fe-

minina, pois a ternura e a capacidade de amar seriam elementos inerentes e inatos à mulher. Apenas, afirma, não bastava que a "natureza" lhe tivesse dado estes dons. Era preciso uma educação "cultura e fortificada na prática do dever e na razão", para que a mulher soubesse como utilizar esta "superioridade moral" em benefício dos outros. (p.28)

O coração precisa ser trabalhado com uma educação especial e convenientemente ordenada; o que acontecerá quando, submetendo a ele o espírito e a inteligência, achar-se-á capaz de operar plenamente e dignamente no destino dos homens, fazendo ressaltar e harmonizar quanto há de grande, de belo e de nobre na progênie humana. (p.28-29)

Para a construção da mulher que o século décimo-nono pedia, era necessário, antes de tudo, dar a ela o sentido das "coisas úteis" e desinfetar sua alma dos falsos discursos de teóricos — os "feminolâtres", segundo Benoitte-Groult — que atordoavam as mentes femininas com promessas e, ao fim, mantinham-nas submissas aos seus caprichos através de uma educação da futilidade. O "mau uso" que elas faziam de sua "ascendência" sobre os homens não podia ser, portanto, culpa delas, mas da educação que recebiam e dos homens que a incentivavam.

Nísia Floresta quer conscientizar suas leitoras da condição de exploradas em que viviam e também indicá-lhes o comportamento que deveriam ter. Apenas — é preciso observar — este comportamento estava longe de ser o da revolta; ao contrário, ele consistia precisamente no reforço de um ideal feminino sempre preconizado, qual seja: de que a mulher devia dedicar-se exclusivamente aos filhos e ao marido.

Mostrai-vos todas generosas, ó mulheres; em vez de gritar contra os erros e as injustiças das quais sois as vítimas, procurai com vossa doçura, com uma bondade inalterável e com prudentes observações, extirpá-las de seu transviado espírito e pô-lo no bom caminho, o caminho da felicidade. (...) É tempo de todas as mulheres de coração reúniem-se sob a santa bandeira do bem universal, trazendo consigo o tesouro de ternos e pios sentimentos, do qual

a natureza as dotou; e a firme resolução de operar para tornar-se útil à família e a toda a humanidade. (p.32)

A apologia que faz da mulher e do seu poder derivado do sentimento é já conhecida, pois encontra-se em outros escritos da autora<sup>6</sup>. Da mesma forma a visão idealizada — quase utópica — do triplo papel de mãe, esposa e filha, por ela desempenhado junto à sociedade. Os "sagrados deveres" das mulheres passam a ocupar, desta forma, o espaço requisitado antes — por Nísia mesmo e por outras escritoras — dos **direitos** que elas teriam à cultura e a uma profissão.

Hoje, sabemos bem, a construção da identidade feminina teve que, necessariamente, passar pelo resgate da função biológica e pela delimitação do papel da mulher junto à família. E ao contribuir para esta construção, Nísia Floresta se alinha, sem dúvida, entre as teóricas da reformulação da maternidade tanto em nosso país como via França. Como as demais mulheres intelectuais da época, ela estava convencida de que o "novo comportamento" daria **status** para a mulher e que, no exercício da maternidade, estava a chance dela se reabilitar socialmente, adquirindo poder e ascendência junto aos filhos e ao marido. De ser, enfim, considerada "útil à sociedade".

"A Mulher" possui, portanto, dois movimentos que exemplificam bem tanto as contradições, como as etapas percorridas pelas mulheres em busca de um discurso próprio e de sua identidade social. Os dois movimentos seriam, de um lado, um movimento de desconstrução — e de caráter demolidor — que pretendia interferir no comportamento feminino. E, de outro, um movimento de construção — mas de caráter conservador — que condenava a "mulher de salão" e qualquer aspiração feminina que não estivesse relacionada com o cuidado dos filhos.

Assim, ainda que rapidamente e nos limites deste ensaio, tentei mostrar a importância de uma figura como Nísia Floresta na história intelectual feminina brasileira. Esta importância residirá, a meu ver, na elaboração de narrativas como esta que nos permitem conhecer e acompanhar a di-

fácil e longa trajetória das mulheres ao encontro de sua identidade.

## Notas

<sup>1</sup>As citações do texto referem-se à tradução de Michele A. Vartuli, no prelo.

<sup>2</sup>Cf. Badinter, Elizabeth. **Um Amor Conquistado - O Mito do Amor Materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.67.

<sup>3</sup>Cf. Le Fort, Léon. "La Mortalité des Nouveau-nés et l'Industrie des Nourrices en France". **Revue des Deux Mondes**. Paris, Mars, vol. 86, 1870. p.369-370.

<sup>4</sup>Cf. Badinter, Elizabeth. Op. cit. Também é preciso considerar que as advertências de ordem religiosa e médica impedindo a mulher lactente de manter relações sexuais, encontravam forte resistência junto aos maridos que encaravam a amamentação como um "atentado a sua sexualidade e restrição ao seu prazer". Ou ainda que os "prazeres da vida elegante" - receber e fazer visitas, freqüentar os teatros, a ópera e os salões - chocavam-se frontalmente com a disponibilidade exigida no desencargo de tal função. Cf. Op. cit., p.98-99.

<sup>5</sup>Cf. Magalhães, Elizabeth K.C. de. e Giacomini, Sônia Maria. "A Escrava ama-de-leite: anjo ou demônio". In **Mulher Mulheres**. São Paulo: Cortez Editora, Fundação Carlos Chagas, 1983. Apenas quando deixou de ser conveniente acreditar nestas falácias inverteram-se os valores: de "anjo-da-guarda" do menino branco a escrava se torna mais tarde o "demônio doméstico" e elemento corruptor da família. Seu leite passa a ser considerado vicioso, impuro, um transmissor de doenças. Era o momento da mãe-branca e burguesa assumir suas responsabilidades.

<sup>6</sup>Lembro **Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens**, de 1832 e **Opúsculo Humanitário**, de 1853. Ambos os livros foram reeditados pela Cortez Editora de São Paulo, em 1989.

